



de pesquisa interdisciplinar
em ciências humanas

ISSN 1678-7730 Nº 87 – FPOLIS, DEZEMBRO DE 2007.

**LIVRE-ARBÍTRIO: DECISÕES (IM)POSSÍVEIS AOS
INDIVÍDUOS DIANTE DAS LIMITAÇÕES DA CONDIÇÃO
HUMANA**

José Eliézer Mikosz

Editor

Profa. Dra. Luzinete Simões Minella

Conselho Editorial

Prof. Dr. Rafael Raffaelli

Prof. Dr. Héctor Ricardo Leis

Profa. Dra. Júlia Silvia Guivant

Prof. Dr. Luiz Fernando Scheibe

Profa. Dra. Miriam Grossi

Prof. Dr. Selvino José Assmann

Editores Assistentes

Cláudia Hausman Silveira

José Eliézer Mikosz

Silmara Cimbalista

Secretário Executivo

Angelo La Porta

LIVRE-ARBÍTRIO
Decisões (im)possíveis aos indivíduos diante das limitações da condição humana.

José Eliézer Mikosz

RESUMO

Este artigo examina o conceito de livre-arbítrio, o poder da ação pela ação, seus limites e sua saída na criatividade.

PALAVRAS-CHAVE: livre-arbítrio, liberdade, criatividade.

ABSTRACT

This article examines the free-will concept, the power of the action for the action, its limits and its way out in the creativity.

KEYWORDS: free-will, freedom, creativity.

A ENCRUZILHADA

The Road Not Taken

*TWO roads diverged in a yellow wood,
And sorry I could not travel both
And be one traveler, long I stood
And looked down one as far as I could
To where it bent in the undergrowth;*

*Then took the other, as just as fair,
And having perhaps the better claim,
Because it was grassy and wanted wear;
Though as for that the passing there
Had worn them really about the same,*

*And both that morning equally lay
In leaves no step had trodden black.
Oh, I kept the first for another day!
Yet knowing how way leads on to way,
I doubted if I should ever come back.*

*I shall be telling this with a sigh
Somewhere ages and ages hence:
Two roads diverged in a wood, and I—
I took the one less traveled by,
And that has made all the difference.*

Robert Frost

A condição humana está subjacente a diversas questões, das quais podemos destacar o corpo e sua imersão sócio-cultural (meio-ambiente), como sendo os principais responsáveis pelo que sentimos e pensamos e, a partir daí, as ações na vida. Isso nos leva a reflexões sobre o livre-arbítrio, pois as resoluções que tomamos baseadas em na vontade, estão de antemão limitadas, sobrando um quase nada de liberdade ao poder humano de decisão. Esse livre-arbítrio é evidentemente condicionado por escolhas feitas entre algumas possibilidades oferecidas e, nesse sentido, o ser humano parece não ter muita escolha.

O livre-arbítrio permite pegar uma estrada à esquerda ou à direita numa encruzilhada. A escolha realizada está limitada por condições pré-estabelecidas pelas características dela. Podemos seguir algum dos caminhos ou retroceder pelo qual viemos. A opção de abrir uma nova estrada é pouco provável mas possível. Nas tradições de todos os povos, a encruzilhada é o local onde se erigiram obeliscos, altares, pedras,

capelas, inscrições: lugar que leva a pausa e a reflexão¹. Talvez uma das principais missões humanas seja o de tomar decisões e resolver, do melhor modo que conseguir, os conflitos inerentes a elas.

NATUREZA HUMANA

*When I'm a good dog
They sometimes throw me a bone...*

Pink Floyd – The Wall

Algumas características básicas da biologia humana, como de diversos animais, seguem determinações (necessidades) inquestionáveis. Todos temos que comer. Nosso corpo está equipado para reagir com dor diante da fome, a dor da fome, uma tenebrosa e das mais fortes dores conhecidas por muitos nesse planeta. Decidir não comer está fora de questão, pelo menos em estado normal de saúde. Podemos escolher entre feijão e arroz ou o que estiver ao nosso alcance. Também não podemos deixar de respirar e de cumprir outras funções de nossa fisiologia. Apesar de que esses fatos são óbvios e colocados aqui neste trabalho de modo um pouco cínico, estão na base de muitas de nossas atitudes e decisões como “membros de uma espécie superior”.

Na realidade, além da autoconsciência, na complexidade da inteligência e da linguagem, não somos tão diferentes de um chipanzé quanto às suas necessidades². Tornamos instintos óbvios em requintadas e sofisticadas práticas, não nos enxergando nesses animais. Porém nem nos apercebemos que somos dependentes e submissos a processos que independem de nossa decisão. Adoramos um belo pôr-do-sol, nos impressionamos com a beleza, buscamos prestígio, status, conforto, queremos ser aceitos, nos sentimos atraídos sexualmente por outro ser humano. Pessoas morenas, pessoas loiras, nem isso muitas vezes decidimos, deixamos que o amor, a atração e outros mecanismos não conscientes, decidam pela gente. Que *eu* em nós decide o quê quanto, as nossas atrações e repulsas?

¹ CHEVALIER; GHEERBRANT, p. 367, 1999.

² SCHOPENHAUER em seu livro *O mundo como Vontade e como Representação* trata mais profundamente dessa comparação homem/animal.

Mas a natureza não é apenas cruel, enfim, sabemos que chegar da rua apurados faz com que aliviar a urina torne-se um grande prazer, comeremos qualquer coisa esfaimados e nossos critérios e exigências para o acasalamento diminuirão muito se a companhia ideal não aparecer logo. São mecanismos muito compensatórios, quase gentis por parte da natureza, são os meios que ela garante sua continuidade. Castigo e recompensa, passamos por eles fisicamente diversas vezes por dia e, quase sempre, achamos isso ótimo.

CONFLITOS

*Nisi credideritis, non intelligetis*³

Isaías 7:9

Toda vez que estamos diante de escolhas, dependemos de nossa capacidade de julgamento e, em maior ou menor grau, experimentamos alguma tensão ou conflito. Isso, mesmo que sutilmente, gera angústia e esse incômodo parece ter uma função importante. Segundo Freud:

*“Essa ligação do ego com a realidade se manifesta pela função de julgar, que é gerada pela angústia (Angst) frente a uma ameaça interna ou externa. Dessa forma, o ego é onde se localiza a angústia, que funcionaria como uma espécie de gatilho do pensamento”.*⁴

Afora nossas necessidades deterministas, alguns mitos antigos como o de Prometeu ou de Adão e Eva, nos falam de deuses que não queriam compartilhar seus bens e conhecimentos com sua criação, restringindo ainda mais a liberdade dessas criaturas. Prometeu roubou o fogo do céu e entregou aos homens, reanimando a inteligência da humanidade, como punição, foi acorrentado a uma coluna e condenado a ter seu fígado imortal devorado por uma águia todos os dias. Adão e Eva foram expulsos do paraíso depois de comerem do fruto da árvore proibida⁵. Eles tornaram-se conhecedores da ciência do bem e do mal, igual aos deuses. Jeová diz: “...o homem se

³ A menos que você acredite, você não compreenderá.

⁴ Freud *in* RAFFAELLI, p. 06, 2003.

⁵ O equivalente a Prometeu aí foi a Serpente ou Lúcifer.

tornou como um de nós...” em Gênesis 3/22. Surge então a questão ética e moral da opção pelo bem ou pelo mal, uma das preocupações que Santo AGOSTINHO tenta resolver na sua obra *De Libero Arbitrio*.

O mal é visto por AGOSTINHO como fruto do livre arbítrio da vontade humana:

*“Sem o livre arbítrio, não haveria mérito ou demérito, glória nem vitupério, responsabilidade nem irresponsabilidade, virtude nem vício”.*⁶

Também aqui é tratada a questão da seguinte forma: se seguir pelo caminho do bem, poderá evitar muito sofrimento e dor. Estes são avisos de que algo vai mal literalmente, que estamos no caminho errado. Colocado assim, há uma escolha correta, a encruzilhada aqui tem só uma estrada a ser seguida, pois a outra levará ao sofrimento. Toda nossa vida está determinada, biológica ou espiritualmente para um fim pré-estabelecido, talvez de bem-aventurança. Porém, devido à complexidade do ser humano e suas relações sociais, a consciência da escolha pelo bem ou mal não é tão simples, nem sempre se mostram verdadeiras:

*“Mas significa que o senso moral é repleto de peculiaridades e propenso a erros sistemáticos – ilusões morais, digamos assim -, exatamente como nossas outras faculdades”.*⁷

Nossa natureza está equipada com sentimentos opostos com funções importantes em contextos diversos. A areia na praia é algo bom, não pode ser considerada sujeira, porém no meio da sala ou sobre a cama é algo ruim, sujo, “mal”. A morte na velhice é natural, a morte por assassinato um ato de maldade. Porém, mesmo aqui pode ser um ato de misericórdia ou um ato para evitar algo pior, como matar um homem prestes a detonar uma bomba dentro de um shopping movimentado de pessoas.

O ser humano criou algumas regras baseado em sua experiência e crenças como a noção de pecado, sendo sete os principais a serem evitados: avareza, gula, inveja, ira, luxúria, orgulho e preguiça. De um modo bastante simples é possível identificar nesses

⁶ AGOSTINHO, 1990.

⁷ PINKER, p. 368, 2004.

pecados armadilhas para o bem estar individual e coletivo, sem que precisem estar associados aos mistérios, pesos e culpas inculcadas pelas religiões. Um exemplo que podemos examinar é o orgulho, *conceito muito elevado que alguém faz de si mesmo*, que pode ser responsável por mortes por motivos banais:

*“... a causa mais freqüente de homicídio tem sido ‘discussão’ – o que os boletins policiais classificam como ‘alteração de origem relativamente trivial; insulto, praga, empurrão etc’”.*⁸

Então o orgulho, como no exemplo da areia da praia, poderia ser considerado apenas um desvio de algo bom na natureza humana, não como um conceito exagerado de si mesmo, mas como auto-estima, consciência de valor próprio e, talvez, um grau de egoísmo necessário para a preservação da vida, de espaços e desenvolvimento individual. Se examinarmos cada um dos “pecados”, será possível encontrar a mesma base racional do que é da natureza humana ou um desvio, um tropeço⁹ no caminho, na direção da consciência e responsabilidade que cada indivíduo maduro deve assumir.

Pelo lado religioso se apresenta um paradoxo, pois Deus como onipotente, onipresente e onisciente, sabe de tudo que irá acontecer e, portanto, não pode haver livre-arbítrio. Porém, para não culpar Deus pela existência do mal, AGOSTINHO cria pressupostos e características divinas que O livram dessa culpa, devolvendo ao homem essa responsabilidade e, com isso, o livre-arbítrio:

*“Mas Deus não pratica o mal, pois tu sabes [por demonstração racional], ou acreditas [por assentimento testimonial] que Ele é bom, nem o contrário se pode admitir. Por outro lado, visto professarmos que Deus é justo, pois negá-lo é também sacrilégio, Ele assim como confere prêmios aos bons, assim inflige castigos aos maus, e tais castigos são evidentemente males para os que os sofrem. Deste modo, se ninguém é injustamente punido – o que temos de acreditar, pois acreditamos que o Universo é regido pela providência divina – Deus é o autor deste segundo gênero de males; do primeiro porém que se referiu, não o é de modo nenhum”.*¹⁰

⁸ _____, p. 442, 2004.

⁹ A palavra pecado provém da raiz indoeuropéia *pec*, que significa pé, e mais proximamente do latim *pecco*, torpeçar.

¹⁰ De Libero Arbitrio I, 1, 1.

Ao que nos remete a outro paradoxo, o de merecimento ou carma de religiões espíritas reencarnacionistas e algumas orientais: só posso ser punido se realmente for livre para fazer mal a quem não mereça – que não tenha esse carma ou merecimento –, caso contrário esse processo cíclico não poderia ter iniciado nunca.

Porém, não é fácil explicar as causas e motivos que despertam a vontade e, a partir dela, a realização de certas ações. Muito está em nossa natureza, muito está em nossa cultura e o resultado da combinação de ambas.

LIVRE-ARBÍTRIO, LIBERDADE E CRIATIVIDADE

*O homem é nada em relação ao infinito,
tudo em relação ao nada*

Blaise Pascal

Se levarmos em consideração a definição de livre-arbítrio:

“Possibilidade de exercer um poder sem outro motivo que não a existência mesma desse poder; liberdade de indiferença. (Refere-se ao livre-arbítrio principalmente às ações e à vontade humana, e pretende significar que o homem é dotado do poder de, em determinadas circunstâncias, agir sem motivos ou finalidades diferentes da própria ação)”.¹¹

Talvez não exista uma ação pela ação apenas, quando examinamos conceitos de liberdade, por exemplo, voltamos a condição de que é possível fazer escolhas dentre as coisas pré-estabelecidas dadas:

“Ser verdadeiramente livre é poder. Quando posso fazer o que quero, eis minha liberdade; mas quero necessariamente aquilo que quero, pois de outro modo eu quererá sem razão, sem causa, o que é impossível. Minha liberdade consiste em andar quando quero andar, desde que não sofra de gota.”¹²

Nas duas citações acima foi usada a palavra *poder*, ou seja, minha vontade é livre para tudo, apenas não posso tudo, como voar sem auxílio de engenho algum.

¹¹ Definição do dicionário Aurélio.

¹² VOLTAIRE, p. 304, 1978.

Podemos ainda pensar a liberdade como faculdade de cada um decidir ou agir segundo a própria determinação; poder de agir dentro de uma comunidade organizada, segundo a própria determinação, dentro dos limites impostos por normas definidas; faculdade de praticar tudo que não é proibido por lei. Liberdade é autonomia: me dar a lei e cumpri-la, sou legislador e cumpridor dessa lei, para o bem ou para o mal:

“Aliás, seja qual for a situação, o povo é sempre senhor de mudar suas leis, mesmo as melhores, pois se for de seu agrado fazer o mal a si mesmo, quem terá o direito de impedi-lo?”¹³

Partindo da premissa que nossa liberdade está no desimpedimento de nossas escolhas e que livre-arbítrio está na ação pela ação, a criatividade pode ser considerada como um bom exemplo da potencialidade humana. Como um poeta que escolhe as diversas palavras de um vasto vocabulário de sua língua, e as arranja de modo artístico e significativo. Essa criatividade está presente não só nos fenômenos artísticos, mas num todo na vida de modo geral, dependendo apenas do *talento* de cada um. Ciência, filosofia, ou mesmo os problemas do dia-a-dia, dependem da criatividade para sua construção e solução.

A arte em si, nas suas diversas formas, será uma das últimas coisas que as pessoas procurarão. O farão depois de supridas suas necessidades básicas. Não significa que grandes artistas ou filósofos tenham que ser ricos para criarem suas obras, já sabemos que a *“angst”* está por trás como uma mola propulsora, mas eles não produzirão muito se tiverem que lutar para comer. Mais uma vez aqui nos deparamos com o *“andar, desde que não sofra de gota”*, pois o talento é distribuído de graça pela natureza, mas não em quantidades iguais para todos e independe da inteligência: *“... Miguel Ângelo, ou Goethe... Esses grandes homens são artistas apesar de sua inteligência, e não devido a ela”*.¹⁴

O talento, assim como a inteligência, parecem presentes da vida para alguns poucos privilegiados. Seria de natureza genética, filhos de pais talentosos herdariam talentos similares? Seria o ambiente onde a criança cresce, desde que criativo, facilitador da

¹³ ROUSSEAU, p. 69, 1978.

¹⁴ READ, p. 30, 1981.

absorção e do desenvolvimento de alguns talentos? Ou então a soma de ambas possibilidades? SLOTERDIJK comenta:

*“Portanto, observada à luz do dia, a natureza é tão injusta e caprichosa quanto o príncipe absolutista, mais ainda: ela é o absolutismo do acaso em sua mais pura forma. Com essa observação, talento e gênio tornam-se indecentes para todos os que devem viver de aparecer”.*¹⁵

Essas diferenças podem parecer injustas, muitas vezes é melhor fazer parecerem que não são reais, que todos tem as mesmas potencialidades e chances, possuem talentos diferentes. De qualquer modo, os direitos devem ser garantidos a todos, mas procurando evitar uma forma de achatamento igualitário onde *“em terra de cegos que tem olho é aleijado”!*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livre-arbítrio não existe, o que existe é a criatividade infinita de possibilidades novas, de escolhas e rearranjos com tudo que já está ai desde sempre, que podemos chamar por este nome.

A vida requer uma ordem sustentada por leis muito claras e estáveis para se manter. Mesmo assim ela segue padrões de evolução e melhor adaptação, seleção natural, cria mutações e desenvolveu milhares de espécies nesse planeta. O comportamento das partículas subatômicas pode não ser bem compreendido e seus conceitos incertos ainda, mas nada está desintegrando caoticamente a torto e a direito por ai. Mesmo os deuses das mitologias e religiões falaram sobre leis e normas a serem seguidas em nome da liberdade e da felicidade. Para além dessas fronteiras há um grande mistério transcendente, incognoscível, talvez escondido em algum outro fruto proibido em algum paraíso esquecido.

¹⁵ Formulação de Niklas Luhmann *in* SLOTERDIJK, 2002, p.102.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **O Livre Arbítrio**. Faculdade de Filosofia, Braga. Portugal, 1990.

CHEVALIER, Jean; Gheerbrant, Alain. **Dicionário de Símbolos**. José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1986.

PINKER, Steven. **Tábula Rasa, a negação contemporânea da natureza humana**. Companhia das Letras. São Paulo, 2004.

RAFFAELLI, Rafael. **Aspectos Cognitivos do Inconsciente**. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas. PPGICH, 2003.

READ, Herbert. **As Origens da Forma na Arte**. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1981.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Do Contrato Social II in Os Pensadores**. Editora Abril Cultural. São Paulo, 1978.

SLOTERDIJK, Peter. **O Desprezo das Massas. Ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna**. Estação Liberdade. São Paulo, 2002.

VOLTAIRE, François Marie Arouet de. **O Filósofo Ignorante in Os Pensadores**. Editora Abril Cultural. São Paulo, 1978.